

# (Re) Conhecendo Impérios: Viagens Filosóficas a Serviço das Coroas Europeias e as Formas de Classificação do Homem Americano na Segunda Metade do Século XVIII

BRUNO SILVA \*

O presente artigo busca analisar o quanto as viagens filosóficas colocadas em prática pelos Reinos europeus, na segunda metade do século XVIII, foram importantes para o desenvolvimento das teorias de classificação da humanidade. Assim, apresentamos as viagens de Alejandro Malaspina (Espanha) e Alexandre Rodrigues Ferreira (Portugal) e observamos como esses homens utilizavam obras de referência como aquelas escritas por Buffon e Lineu, na Europa, para descrever os distintos povos existentes na América. Ainda verificamos como o vocabulário científico da época estava em mudança, analisando assim, termos como Raça e Nação.

**Palavras-chave:** Viagens – Teorias – Homem Americano – Século XVIII

**Recognizing Empires: The role of Philosophical Travels in the ways of the classification of mankind in the second half of Eighteenth-century**

This paper analyzes how the philosophical voyages put into practice by the European Kingdoms, in the second half of the eighteenth century, were important for the development of the theories of classification of humanity. Thus, we present the journeys of Alejandro Malaspina (Spain) and Alexandre Rodrigues Ferreira (Portugal) and observe how these men used reference books such as those written by Buffon and Linnaeus in Europe to describe the different peoples exist in America. Yet we see how the scientific vocabulary of the time was changing, thus analyzing terms such as Race and Nation.

**Keywords:** Travel - Theories - American Man – XVIII Century

---

\* Mestrando UFF

**A**pós quase três centúrias de contato entre os homens do Velho Mundo e os povos americanos, os governos imperiais perceberam o quanto era imperioso que (re) conhecessem suas possessões, as riquezas que as compunham e, além disso, os povos que se encontravam espalhados ao longo dos seus territórios. E as proposições dos aqui denominados filósofos da natureza, ou simplesmente naturalistas, encadeadas a partir de seus contatos com os diferentes povos existentes na terra, bem como suas culturas, foram de suma importância para o conhecimento do gênero humano. E esse contato, em parte feito por intermédio de outros, ofereceu aos homens do século XVIII a possibilidade de apresentar, com suas pesquisas e análises, hipóteses que se deslocavam do mítico-religioso para um plano mais laicizado de apreciação e classificação da humanidade, muito embora, quase sempre, esses homens ainda se mantivessem atrelados ao dogmatismo cristão tão presente na sociedade europeia.

E esses filósofos da natureza puderam contar com as voltas ao redor do mundo que os viajantes europeus e suas vastas equipes, sobretudo, a partir da segunda metade do século das Luzes, programaram em nome da ciência; mas, também em nome do desenvolvimento econômico e social dos grandes impérios europeus. Cabia aos viajantes a angariação das informações em seus vértices escrita, desenho e recolha de material, enviando aos centros de pesquisas o fruto de seu trabalho; esperando como retorno, não somente os lauréis pelo seu infortúnio em nome de um governo ou de uma instituição de pesquisas, ou seja, o reconhecimento pelo seu empenho; mas, também, a apresentação, por parte dos filósofos responsáveis pelas análises, de teorias que pudessem dar conta e ajudar no conhecimento dos diversos povos espalhados pela superfície da terra.

A historiadora Claudia Heynemann enfatiza a importância da classificação e da ordenação no século XVIII, onde o mundo dos gabinetes de história natural, dos jardins botânicos, das coleções e das grandes viagens substituiu o mundo mitológico tão preponderante em centúrias anteriores. Assim, “o que surpreende é exatamente a própria natureza e suas leis e o maravilhoso, nesse caso, vem dos relatos dos outros continentes e ainda, daquilo que se encontra ao alcance da mão: o microscópio revela todo um universo a ser penetrado, ampliando formas vivas, ensejando teorias que expliquem a ordem das espécies e dos reinos da natureza”.<sup>1</sup>

As teorias propostas pelos filósofos da natureza emergiam, indubitavelmente, das descrições pormenorizadas da flora e da fauna em todos os seus aspectos. Para haver classificação era necessária a observação e para, além disso, a descrição. O historiador Ronald Raminelli enfatiza o quanto a “descrição científica tornou-se importante tema de debate entre os naturalistas setecentistas”; muito embora não devamos perder de vista que nem todos os naturalistas alcançavam a descrição como efetivamente acolhedora do real.<sup>2</sup> Assim, depreende-se que pela perspectiva dos sistemas classificatórios do século XVIII, “a ciência atuava como uma ‘descrição exata de tudo’ e funcionava como um espelho rico e multifacetado, no qual toda a Europa pôde projetar a si mesma como construtora do processo planetário de expansão”.<sup>3</sup>

Aqui, “navegamos” por uma via de dupla mão, onde observamos de um lado os viajantes e sua recolha de informações a respeito dos povos observados e descritos; e do outro lado, os filósofos da natureza que, através das análises do material angariado, estabeleciam suas teorias classificatórias; ao fim, o Novo Mundo e sua diversidade humana funcionava como arena

1 Claudia B. Heynemann. História Natural na América Portuguesa – Segunda Metade do Século XVIII. In: *Varia Historia*. Belo Horizonte, número 20, mar/99, p.103.

2 Ronald Raminelli. *Viagens Ultramarinas: Monarcas, Vassalos e Governos à distância*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009, p. 228.

3 Idem. p. 248.

privilegiada de implementação das teorias desenvolvidas na Europa. Logo, percebe-se que as mesmas teorias que buscavam explicar e, certamente, classificar os diferentes povos, também funcionavam como respaldo para a justificação da expansão colonial, uma vez que se coadunavam com a ideia de progresso. Sendo assim, a diversidade humana servia para explicar as várias fases vividas pelos povos. O controle sobre os processos naturais elucida o primitivismo dos indígenas e a riqueza de conhecimento dos europeus, por exemplo. Aos últimos, cabia o fardo de levar as “luzes” aos povos submersos na ignorância. Portanto, a ideia de progresso respaldava o controle europeu sobre o mundo colonial.<sup>4</sup>

Dentre as inúmeras viagens realizadas sob os auspícios de governos imperiais, a Expedição Malaspina, organizada pelo governo espanhol e implementada em território da América espanhola entre 1789 e 1794 é um grande exemplo. A expedição comandada por Alejandro Malaspina constitui o maior esforço feito pela Espanha imperial para reconhecer suas possessões coloniais. A equipe da Expedição era responsável por angariar informações e catalogar o que fosse encontrado da flora, da fauna e dos povos americanos. As considerações a respeito do homem do Novo Mundo variavam de acordo com a formação de cada um dos indivíduos que compunha a empreitada. Mas, percebe-se que todos comungavam das ideias defendidas por George-Louis Leclerc (Conde Buffon), exímio filósofo da natureza, de que a humanidade possuía sua origem em única matriz criacional. Para Robert E. Bieder, a tese principal de Buffon era de que o gênero humano não era composto de espécies essencialmente diferentes entre elas; portanto havia uma única espécie de homens.

Em relação ao homem americano e sua posição no quadro classificatório de Buffon, Robert E. Bieder destaca que o filósofo percebia as Américas literalmente como um novo mundo dentro de uma escala geológica e, portanto, a terra teria emergido recentemente do mar, estando ainda coberta de lagos, pântanos e selvas que produziam um ar úmido e tóxico. Portanto, Bieder lembra que

these conditions stunted animal life and caused the American Indians to be, in Buffon’s view, miserable specimens of humanity. As physical type, the Indian approximated the European in stature and was more agile and swift of foot, but he was not as strong, nor were his senses as acute. His ‘organs of reproduction’ were ‘small and feeble’, tending to make him impotent.<sup>5</sup>

A equipe de Malaspina, por certo, trazia em sua bagagem um exemplar da grande obra de Buffon. Do diário de Antônio Tova Arredondo, se obtêm a seguinte informação sobre os nativos americanos da região da Patagônia:

Su color es semejante al cobre, la cabeza muy grande, igualmente que la cara y ésta algo achatada, frente llana y pequeña, ojos chicos y hundidos, nariz chata, boca grande,

4 C.F Antonio Lafuente. Las Expediciones científicas del Setecientos y a nueva relación de científico com El Estado. In: *Revista de Índias*. Número 180.

5 Robert E. Bieder. *Science Encounters The Indian, 1820-1880: The Early Years of American Ethnology*. Oklahoma: The University Of Oklahoma Press, 1986, pp. 6-8. (As condições climáticas atrofiaram a vida animal e com isso levaram os índios americanos a serem, na opinião de Buffon, «amostras» miseráveis da humanidade. Até se aproximando do europeu no que diz respeito ao tipo físico, embora bem mais ágil quando se tratava de correr, mas, não tão fortes quanto os europeus e com sentidos bem menos aguçados. Com órgãos de reprodução mirrados e frágeis o que os tornavam impotentes – Tradução Livre)

dientes pequeño, unidos y muy limpios; pelo negro, fuerte, y éste untado de una especie de aceite o grasa de lobo de malísimo olor; los hombres lo dejan suelto y lo contienen tan sólo con una cinta o correa que les ciñe la cabeza por la frente, y las mujeres, dividiéndole por mitad, formando coleta, que caen a uno y otro lado, por delante de los hombros, las cuales adornan con cuentecitas de vidrio, cuando pueden adquirirlas, lo mismo que el cuello y la muñeca, siendo este adorno más general en sus pequeños hijuelos. Entre éstos y las mujeres jóvenes se ven algunas caras no feas y de un color bastante claro, al paso que el de los adultos es oscurísimo, lo que prueba ser éste efecto de la intemperie a que continuamente están expuestos<sup>6</sup>.

Dois observações acima, nos levam a pensar: as mulheres mais jovens possuíam a pele mais clara e, portanto, eram mais belas. Os mais velhos, por conta da influência climática, eram mais escuros e, sendo assim, feios e distantes do ideal de beleza europeu. O próprio Malaspina, ao abordar os índios *Huiliches*, também da região da Patagônia, não hesitava em destacar que

en efecto, los pocos infelices que habitan estas regiones, y que a pesar de su corto número necesitan errar hasta casi el archipiélago de Chonos, haciendo tal vez un objeto de discordias y de guerras ese mismo alimento, que entre riesgos y olas expone con unas canoas endebles a infinitos riesgos y fatigas, parecen subsistir allí contra los dictados de la misma naturaleza. Todo denota que ese suelo les es extraño, que han realmente degenerado de los caracteres indicativos de la clase del hombre, pasando a una estupidez que no les es natural.<sup>7</sup>

A expressão “clase”, no caso acima, corresponde a espécie. A saber, esses homens teria sua origem numa matriz comum, isso pela perspectiva monogenista de Buffon, e, por conta das influências climáticas, geográficas e históricas, teriam se degenerado; ou seja, se tratava de uma nova raça. E a degeneração causada na espécie original teria redundado numa raça americana onde “el carácter de éstos es el general de todos los de su casta, así de esta América como de la septentrional; esto es algo inclinados a la idolatría, muy supersticiosos, disimulados, vengativos, ebrios y ociosos”. (O caráter destes, e em geral o todos dessa casta, assim nessa América como na Setentrional, é de inclinação a idolatria, superstição, dissimulação, inclinados à vingança, a

6 Rafael Sagredo Baeza y Jose Ignacio Gonzalez Leiva. *La Expedición Malaspina en la frontera Austral del Imperio Español*. Santiago: Editorial Universitaria-Centro de Investigaciones Diego Barros Arana de la DIBAM, Santiago, 2004, p.129. (sua cor é semelhante ao cobre, a cabeça é muito grande, e assim como o rosto é um pouco achatada; possuem rosto plano e pequeno; olhos pequenos e encovados, nariz achatado, boca grande, dentes pequenos, unidos e bem limpos. Cabelo preto, forte e untado com uma espécie de gordura de lobo com um terrível odor, os homens os deixam soltos, usando uma fita que os amarram pela frente; as mulheres dividem os cabelos ao meio, formam um rabo de cavalo que caem sobre os ombros e são adornados com contas de vidro, quando elas podem comprá-las. Também adornam o pescoço e o pulso. Entre essas mulheres se vê algumas com rostos belos e de cor bem clara, ao passo que nos adultos a cor da pele é escura, o que prova ser o efeito do clima ao qual são continuamente expostos – Tradução Livre).

7 Idem. p. 238. (De fato, os poucos infelizes que habitam essas regiões, necessitam se deslocar até o arquipélago de Chonos, causando a busca por alimentos, um objeto de discordias e de guerras, expondo suas canoas frágeis às intempéries do clima e às dificuldades da vegetação. Tudo aponta para a estranheza do solo para esses indivíduos, que realmente se degeneraram dos caracteres indicativos da classe dos homens, passando a uma estupidez intrínseca a eles.

embriaguez e a ociosidade).<sup>8</sup>

Na América portuguesa, Alexandre Rodrigues Ferreira foi o responsável pela maior expedição científica patrocinada pela coroa portuguesa, percorrendo 39.000 quilômetros da região da Amazônia e do Centro-Oeste, num período de nove anos e nove meses. A viagem de Ferreira, assim como a de Malaspina, demonstra o renovado interesse dos governos imperiais pelas suas colônias. O professor Ronald Raminelli, a respeito das viagens, nos diz que “no final do século, mesmo durante a turbulência revolucionária, as autoridades lusitanas e, particularmente, alguns vassalos luso-brasileiros apostavam na solidez do império colonial, nos frutos que a metrópole ainda poderia colher nas conquistas”.<sup>9</sup>

Alexandre Ferreira Rodrigues, ao classificar os índios da Amazônia, deixa claro sua vinculação com as proposições do naturalista sueco Lineu, ao incluir os índios entre a classe dos mamíferos, os distinguindo como uma variação distinta dos demais homens existentes na terra, estes eram os *americanus*. No que implica a posição do ser humano dentro do quadro da criação animal, Lineu estabeleceu que o homem se encontrava no mesmo quadro classificatório dos primatas, e essa proposição, de alguma forma, incomodou muitos contemporâneos do filósofo que, vendo o indivíduo como criação suprema de deus, em hipótese alguma, poderia ser alocado num mesmo quadro em que se encontravam macacos. Na verdade, Lineu entendia que o homem, dentro da esfera da criação divina, era o animal mais perfeito e, portanto, cabia a ele, não somente se conhecer, mas também conhecer e classificar todas as criaturas existentes na face da terra. Para o sueco, “os americanos eram mamíferos, primatas, regulados pelos costumes. A falta de barba os tornavam monstruosos, assim como eram os hotentotes devido a pouca fertilidade, os chineses por terem cabeça cônica e os canadenses chata”.<sup>10</sup> A classificação proposta por Ferreira dividia os índios da América portuguesa em “*monstruosos por artifício e monstruosos por natureza*”, fazendo ressaltar entre os grupos que nasciam com o corpo em perfeito estado e os modificava através dos costumes e os que nasciam com deformidades físicas.<sup>11</sup>

Diferentemente de Alejandro Malaspina que utiliza claramente a nomenclatura de raça para se dirigir aos grupos americanos, Ferreira se serve do termo variedades, demonstrando consonância com as proposições de Lineu, uma vez que para o sueco era preciso distinguir as diversas variedades, já que a noção de raças humanas, ainda era imprecisa em sua época. As variedades seriam: americana, com cor cobre, com pinturas vermelhas em seu corpo, contente de sua sorte, amantes da liberdade, governados pelos usos; o europeu branco, inconstante, engenhoso, inventor, com vestimentas; ajustados e governados por leis; o asiático, amarelado e melancólico, cabelos negros, severo, festeiro e avarento; o africano, negro e crespo, astuto, preguiçoso e negligente, governados pela vontade arbitrária de seus chefes.

Tzvetan Todorov nos lembra de que Voltaire também partilhava da ideia que as raças inferiores eram quase animais e, nesse aspecto, se incluía claramente o homem americano. Claro que o autor não deixa de apreender que o filósofo enciclopedista, diferente de Buffon, era poligenista e, sem se preocupar em buscar explicações religiosas para a diversidade da humanidade, acreditava piamente em diferentes matrizes criacionais, ou seja, em raças distintas de homens, que teriam surgido na terra, em diferentes tempos e espaços. Para Todorov, o filósofo compartilhava com Buffon da escala de valores que mediam o maior ou menor grau de civilização

8 Idem. p. 239.

9 Ronald Raminelli. *Op. cit.*, p. 213.

10 Ronald Raminelli. *Viagens Ultramarinas: Monarcas, Vassalos e Governos à distância*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009, p.233.

11 Alexandre Ferreira Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974, pp.72-74.

dos povos. Sem, no entanto, abrir mão da tese que não havia unidade da humanidade.<sup>12</sup>

As viagens organizadas pelos governos imperiais para conhecer as potencialidades de seus territórios no ultramar e, com isso, maximizar seus lucros, fatalmente, ocasionou a aproximação entre os distintos povos dos domínios e os representantes das Coroas em suas buscas pelo conhecimento e pela classificação dos povos. Com as viagens imperiais e as observações filosóficas, o vocabulário classificatório no século XVIII passou por modificações. Conceitos como raça que até então carregara conotações religiosas, começa a traduzir o conjunto dos caracteres físicos de um grupo; ao passo que o conceito nação, que antes, poderia ser empregado considerando os aspectos físicos e culturais dos povos, começa a ser utilizado com sentido político mais restrito. E o conceito tribo começa a substituir o de nação, sendo utilizado para caracterizar povos bárbaros, como os indígenas americanos.

Percebe-se, então, que os viajantes e filósofos foram oferecendo os subsídios para que se conhecessem o homem americano que habitava os domínios imperiais. Malaspina, Ferreira e suas equipes foram instrumentos fundamentais para o (Re) conhecer das paragens ultramarinas. Mas, indubitavelmente, com suas viagens e implementação das teorias europeias, foram responsáveis por ajudar as populações coloniais a se conhecerem e, portanto, a questionarem o patamar de inferioridade em que haviam sido alocados, no quadro das classificações desenhadas pelos europeus. Se tal posicionamento redundou em formação de identidades diferenciadas dentro dos domínios imperiais, é algo que ainda não posso afirmar. Quanto a possibilidade de racismo em relação às populações originais e as dos frutos da miscigenação nas Américas, nesse caso, entendemos que as teorias defendiam a possibilidade de reversão do processo de degeneração, tendo a Europa como parâmetro. No entanto, a consideração da inferioridade do homem americano estava longe de ser alocada em chave definitiva e, portanto, irreversível, como aconteceria com as teorias racialistas com base biológica, no início do século XIX.

*Artigo recebido para publicação em 3 de agosto de 2013.*

---

12 Tzvetan Todorov. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p.118.